

GERENCIANDO EXPECTATIVAS: CICLOS DE APRENDIZAGEM DE INGLÊS E COMUNICAÇÃO TRANSPARENTE COM AS FAMÍLIAS

Edna Tibério, Macmillan Education, edna.tiberio@macmillaneducation.com

EIXO TEMÁTICO – Processos de aquisição de segunda língua e desenvolvimento cognitivo dos anos iniciais ao final do Ensino Fundamental.

RELATO DE PRÁTICA

Contexto da escola e público atendido

A prática foi desenvolvida em escolas particulares de grande porte localizadas em áreas urbanas, atendendo estudantes do pré-primário ao 9º ano do ensino fundamental. As turmas possuem entre 25 e 32 alunos, com três-cinco aulas semanais de Inglês nos anos iniciais e três-quatro aulas semanais no fundamental II.

O perfil das famílias é heterogêneo. Algumas delas tem contato prévio com inglês, mas a grande maioria não fala o idioma e, por isso, tende a usar a fala em casa como principal indicador de aprendizagem. O projeto surgiu da necessidade de alinhar expectativas e reduzir a percepção equivocada de que “se não fala em casa, não aprende”.

Fundamentação teórica da prática

A ação pedagógica articula três pilares:

1. Ciclos naturais de aquisição de segunda língua, nos quais períodos de maior compreensão e pouco output são esperados (Lightbown & Spada).
2. Filtro afetivo, segundo o qual ansiedade, autoconfiança e segurança influenciam quando a produção oral emerge (Krashen).

3. Etapas cognitivas do desenvolvimento, que justificam metas diferentes para crianças de 7–11 anos (pensamento concreto) e adolescentes (abstração crescente).

Problema identificado

As famílias frequentemente relatavam que seus filhos “não falavam inglês em casa”, concluindo que não estavam aprendendo. Observou-se que:

- fora da escola não havia necessidade real de comunicação em inglês;
- após os 9–10 anos, a autoconsciência gera mais receio de errar;
- a pressão familiar por falar aumentava o filtro afetivo, justamente dificultando o que se desejava estimular.

Diante disso, as escolas precisavam mudar o indicador usado pela família: de “falar/não falar” para “o que meu filho já consegue fazer?”.

Descrição da prática – com exemplos concretos

A rotina implementada tem três movimentos principais.

1) Comunicação inicial de cada unidade com metas can-do.

As famílias recebiam, por agenda digital, objetivos simples e claros:

- “Seu filho será capaz de identificar alimentos em atividades orais.”
- “Nesta unidade, os alunos praticam dar informações básicas sobre rotina.”

Exemplo real enviado pela escola:

“Nesta quinzena, estamos trabalhando *animals and habitats*. Seu filho praticará descrever onde os animais vivem, com frases curtas. Em casa, vocês podem brincar de apontar animais em livros ou rótulos.”

As mensagens podiam ser bilíngues quando necessário.

2) Envio quinzenal ou mensal de evidências visíveis do processo.

As evidências eram simples e padronizadas para não gerar carga excessiva ao professor.

Exemplos reais incluídos no projeto:

- Foto de uma atividade de pareamento com legenda:

“Aqui, Mariana identifica *forest animals* e usa *There is/There are* oralmente.”

- Áudio curto (10–15 segundos) em que o aluno nomeia objetos usados no projeto de arte.
- Mini-amostra de escrita, como uma lista de compras temática (food vocabulary).
- Vídeo de 20 segundos de uma roda de perguntas (“What’s your favorite...?”).

Esses materiais reduzem a ansiedade familiar e tornam o progresso visível mesmo quando a fala espontânea não surge em casa.

3) Reforço de que a família não precisa falar inglês para apoiar.

Cada mensagem reforça que ninguém na família precisa falar inglês para ajudar: presença, curiosidade e elogio à tentativa bastam. Esse enquadre reduz ansiedade e favorece a participação oral quando a criança se sentir pronta (baseado no filtro afetivo e no papel do input compreensível).

EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS COLETADAS

As escolas passaram a acompanhar indicadores qualitativos e quantitativos.

1. Mini-enquetes enviadas no final de cada unidade.

Perguntas como:

- “Entendi o que meu filho está aprendendo?”
- “Sei como apoiar?”
- “As evidências enviadas são claras e úteis?”

2. Observações docentes

Os professores registraram:

- aumento da participação oral voluntária em sala, especialmente dos alunos mais ansiosos;
- melhoria na qualidade das interações com responsáveis nas reuniões;
- mais alinhamento entre as séries quanto ao que é comunicado às famílias.

3. Exemplos de mudança relatada pelas famílias

- “Agora sei que meu filho está entendendo mais, mesmo que fale pouco.”
- “As fotos e áudios me ajudam a conversar com ele sem pressionar.”

Esses relatos foram coletados informalmente e reforçam o efeito da prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática tornou o processo de aprendizagem mais compreensível para as famílias e emocionalmente seguro para os estudantes. Substituir a expectativa de fala imediata por evidências curtas e frequentes alinhadas aos ciclos naturais de aquisição reduziu a ansiedade e aumentou a participação oral quando os alunos se sentiram prontos.

Para os professores, a rotina trouxe clareza de metas por faixa etária e organizou o planejamento.

Eu manteria a estrutura geral por sua leveza e sustentabilidade. Como aprimoramento, ampliaria momentos internos de formação docente para refinar a qualidade das evidências enviadas e manter consistência entre séries.

REFERÊNCIAS

1. LIGHTBOWN, Patsy M.; SPADA, Nina. *How Languages Are Learned*. 5. ed. Oxford: Oxford University Press, 2021.
2. KRASHEN, Stephen D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Pergamon Press, 1982. Disponível na edição revisada (2009).
3. WEBMD. *Piaget Stages of Development*. 2026. Disponível em: <<https://www.webmd.com/children/piaget-stages-of-development>>. Acesso em: 13 fev. 2026.
4. NAEYC – National Association for the Education of Young Children. *DAP: Engaging in Reciprocal Partnerships with Families and Fostering Community Connections*. 2026. Disponível em: <<https://www.naeyc.org/resources/position-statements/dap/engaging-families>>. Acesso em: 13 fev. 2026.
5. HENDERSON, Anne T.; MAPP, Karen L.; JOHNSON, Vivian R.; DAVIES, Don. *Beyond the Bake Sale: The Essential Guide to Family–School Partnerships*. New York: The New Press, 2007.